



*“A alma do artista
faz a diferença.”*

Samantha Moreira

Samantha Moreira

Tu vieste de uma formação calcada nas artes visuais, mas logo tu expandes tua atuação para a gestão, curadoria, produção. Como foi esse trânsito?

Minha formação é em Artes Plásticas, me formei em 1993. Mas sempre estive, mesmo no período de faculdade, muito envolvida com organizações sociais do contexto universitário. Acho que começou muito aí, com participações em centro acadêmico, diretório, enfim. Sou da geração *Fora Collor*, então tinha ali uma condição política latente. Isso me fez ter um processo coletivo e colaborativo. Nunca me vi produzindo sozinha. Junto com isso, eu me envolvia em uma série de atividades na Universidade e em outros espaços, já na área de montagem, de organização dentro de museus, galerias, bares. Então este trânsito começa através de um desejo de atuar em outros espaços, e não só como uma artista, dentro do seu ateliê. Fiz uma especialização voltada à minha produção, na Itália, mas, quando eu voltei, estava encantada com essa ideia de coletivos de artistas, de espaços de artistas, que ora trabalhavam juntos, ora recebiam pessoas. Desenvolviam projetos paralelos, isso já acontecia e se iniciava em outros formatos, em outros lugares.

Havia, também, uma particularidade em Campinas, que era um processo muito paudado por instituições públicas, museus e galerias, sem essa movimentação de coletivos ou qualquer iniciativa de artistas independentes. O Ateliê Aberto tem início em 1997, entre alguns amigos, com a proposta de um espaço de trabalho coletivo, de intercâmbios e trocas de ideias, de buscar novos processos, interlocuções e, na mesma época, eu estava trabalhando no Itaú Cultural em Campinas. Vários dos artistas que vinham de fora para projetos no Itaú Cultural acabavam estendendo suas temporadas de montagem depois que conheciam o Ateliê Aberto. Então fomos ampliando esse espaço de produção para outros artistas, outras pessoas que estavam ali, fazendo conversas informais, etc. A partir disso, começamos a realizar intervenções no espaço (*site-specific*), e aí vai o histórico do Ateliê. Ao mesmo tempo, começamos a fazer curadorias experimentais, exposições e ações em locais não só específicos de arte. Tudo isso tomou um corpo maior que a minha produção como artista. Em 2002, o Ateliê passa efetivamente a desenvolver atividades de investigação e intercâmbio com outros artistas, através de uma programação contínua em seu espaço.

Em 2005, fui chamada para integrar a equipe da EMDEC (Empresa Municipal de Desenvolvimento de Campinas), ligada à Secretaria Municipal de Trânsito e Transporte. O con-

vite partiu do então Secretário Gerson Bittencourt, com a proposta de um olhar diferente para a cidade, com projetos ligados à mobilidade urbana, através de atividades ligadas à cultura, cidadania e sustentabilidade. Aí foram outros quinhentos. Integrei a equipe por mais de cinco anos e foi inevitável uma mudança de olhar e de desejo de atuar em outros territórios, onde a arte tem um papel modificador e nem sempre nos é apresentada como possibilidade de atuação.

Que demanda tu detectaste que havia na cidade de Campinas para realizar a iniciativa do Ateliê Aberto? Foi esta questão dos processos pautados pelas instituições?

O Ateliê Aberto começa como um espaço que a gente começava a entender não só como um ateliê de produção de cada artista. Por que isso? Porque a cidade precisava, nós precisávamos repensar novas formas de produção. Essas iniciativas que surgiram na década de 90, a meu ver, têm início como espaços de artistas que sentiam a necessidade de trabalhar juntos, de pensar juntos, de experimentar e propor novas iniciativas e estruturas na arte contemporânea. Na verdade, isso faz parte de entender o artista não só com o papel de montar uma exposição, participar de salões, produzir para um mercado específico de galerias de arte e de circuitos determinados. Além disso, sempre fui uma anfitriã, sempre gostei de receber pessoas. Tinha facilidade em ter os artistas ali, de chamar outros artistas, de proporcionar conversas e, com isso, criar uma cena independente que tivesse um processo investigativo a partir do que tínhamos por perto e ao redor. No decorrer dos anos, Campinas passou a ter ainda menos uma política pública cultural eficiente e contínua, sem estrutura e programação adequada nos equipamentos públicos, com pouco ou quase nenhum incentivo para a produção local, com galerias fechando e, cada vez mais, o interesse voltado à capital. Ficar em Campinas foi uma escolha, como um espaço de resistência, acreditando que seria possível e fundamental para processos que temos hoje como interesse no campo das artes visuais e da cultura contemporânea.

Essa característica da artista se dividir em diferentes tarefas é uma questão recorrente, a teu ver?

Vejo como uma questão positiva. Há artistas que não têm esse desejo. Porque, no fim, é desejo. Hoje, temos milhões de informações que são muito rápidas; temos possibilidades boas, e nem tão boas, em editais, em processos de montagem de exposição, de idealização de projetos, enfim, as ferramentas de produção que temos nos possibilitam permear vários caminhos de trabalho. Existe o diferencial que é o artista no papel do gestor, do produtor, de executor do projeto. É bacana porque tem um olhar que é específico do artista, que modifica a convenção, a conversação e que modifica todo o processo. O gestor/artista também é diferente do gestor que vem da publicidade, do gestor que

vem da administração. Hoje, é permitido que todos façam tudo. O comprometimento e o interesse do artista atualmente não se limita ao papel de produzir sua obra sem criar novas conexões, em outros campos de atuação, e novas práticas relacionadas a questões sócio-político-culturais.

Com essas diferentes funções que tu ocupas (gestão, produção, curadoria), quais são os teus principais desafios, levando em conta o contexto brasileiro?

O primeiro desafio, na questão da gestão autônoma, consiste em entender essa linha tênue entre uma profissionalização, valorizando cada vez mais o trabalho do artista – ampliação de equipe, buscando divisões de trabalho com sensatez, acompanhando a burocracia que cresce, ampliando parcerias – e a sustentabilidade, a afetividade e a ideologia, que são as questões fundamentais para dar continuidade ao Ateliê Aberto da forma que realmente acredito. Porque, depois de um tempo, você fica muito “gestora” e pode deixar de ser artista. “Ser artista” não como realizadora de uma obra de arte, mas em relação ao raciocínio, ao ideal e ao desejo legítimo. Para mim, é isso: como eu penso os projetos, a postura perante a gestão de um espaço que trabalha com arte e cultura, minha atuação enquanto curadora, enquanto pesquisadora e interlocutora. A alma do artista faz a diferença.

O segundo desafio consiste em desenvolver trabalhos de arte e de cultura não só em territórios específicos da arte (como museus, galerias e instituições culturais). Esses cinco anos em que trabalhei diretamente com mobilidade urbana foram um pouco da descoberta desses novos horizontes. Fui chamada pelo secretário de transportes como uma artista e com a seguinte frase: “Eu preciso de alguém que veja a cidade de uma forma diferente. Artistas não fazem isso?”.

Um olhar bem inovador – colocar uma artista dentro deste ambiente.

Sim, muito bom, porque era um trabalho ligado à educação, ao comportamento, um cotidiano lascado da realidade das cidades, de mais automóveis a cada dia, de lidar com o universo de acidente de trânsito, de como as pessoas deixaram de ter gentileza no trânsito, etc. Era um lugar que eu nunca imaginei estar. E modifica tudo, a gente se relaciona de forma diferente com as pessoas e, principalmente, com o potencial que a arte tem, cada vez mais. O projeto foi crescendo, tanto que eu fiquei lá durante cinco anos. Acabei sendo diretora de um núcleo de gerências dentro desta secretaria e todo o projeto era pautado por uma modificação do olhar. Eram projetos de educação, de arte, de cultura, de cidadania, de sustentabilidade, de design do mobiliário urbano, de comunicação, de RH, de tecnologia da informação – junto com as áreas de planejamento urbano, operação de trânsito e sistemas do transporte público, isso tudo se misturava. O processo de arte para dentro de um processo da cidade é o que a gente quer! Interlocuções!

Ainda sobre essa questão de múltiplas jornadas, há um artigo de Tânia dos Santos sobre Gênero e Políticas Sociais em que ela fala sobre alguns malefícios destas duplas jornadas, do acúmulo de funções e, muitas vezes ainda, da responsabilidade doméstica que recai sobre a mulher. Como tu vês estas questões aplicadas ao cenário das artes? É uma característica comum desse circuito?

No meu universo de trabalho, as pessoas fazem muitas coisas ao mesmo tempo. Mas acho que é uma questão de escolha e de sobrevivência. Jornadas duplas hoje quase todo mundo tem. Malefícios e benefícios existem em todas as áreas, em todas as profissões. Já responsabilidades domésticas são situações pessoais, de escolhas de vida e de um processo de negociações perante a cultura que vivemos. Hoje não é mais somente a mulher que cuida da casa e dos filhos e não são somente os homens que ganham dinheiro.

Há muita coisa escrita sobre o silenciamento da participação das mulheres na história da arte dos séculos passados e até na participação delas em grandes eventos artísticos. Como tu vês esta participação das mulheres no cenário atual da arte contemporânea, levando em conta estas diferentes frentes nas quais tu atuas?

Cada vez mais equilibrada e a partir de competências pessoais, e não mais de gêneros. Não podemos ignorar o crescimento de mulheres ocupando um campo profissional cada vez maior. Também não podemos negar que é da natureza da mulher conseguir fazer quinze mil coisas ao mesmo tempo. Eu não gosto de pensar na proporcionalidade, mas, se formos fazer um levantamento no campo da gestão autônoma no Brasil e na América Latina, a maioria são mulheres nos cargos de coordenação. Alguns exemplos: no Ateliê Aberto, duas mulheres. No JA.CA, duas mulheres. Na Subterrânea, no Ateliê 397 e na Phosphorus, também mulheres. No Espaço Fonte, todas mulheres.

Pois é, isso é muito complexo, porque se tu vais pesquisar, ainda há muito estudo sobre a história da arte e a ausência das mulheres nela, mas muita coisa também já mudou e foi feita. Então, se tu partes destes cenários contemporâneos, de espaços independentes e até de curadoria, eles já estão inseridos em outro contexto que não aquele lá de décadas atrás.

Sim. Muita coisa mudou em todos os campos de atuação e na sociedade contemporânea brasileira e mundial. Há décadas atrás, a mulher não tinha direito ao voto, era obrigada a cumprir normas e demandas familiares, dependia economicamente de estruturas preestabelecidas, viviam em função de uma sociedade ainda mais machista, sem autonomia, sem poder de escolhas. Hoje levantaria outras questões. Quem tem acesso à arte? Quanto custa ser um artista? Mulheres ou homens, quantos sobrevivem?

Tu acreditas que o Brasil seja refratário a discussões das diferenças no campo da arte?

Essa discussão ultrapassa o campo das artes. Ainda temos poucos artistas brasileiros com posturas políticas e sociais, artistas com discussões legítimas e verdadeiramente interessados em trazer à tona as diferenças e desigualdades que existem no nosso país. Mesmo com melhoras e mudanças significativas, vivemos ainda em um país machista, racista, homofóbico, com desocupações ilegais de terras, que mata índios, com religiões dominantes que proíbem o uso de preservativos mesmo com alto índice de HIV e alto índice de abortos, com subempregos, com corrupção. Será que a produção de arte brasileira ainda vai ficar muito tempo distante de tudo isso? Espero que não.

Ainda tangenciando esse tema do feminismo e do feminino, vocês realizaram no Ateliê Aberto o projeto “Poemas aos homens do nosso tempo”, que teve como propulsor a voz da Hilda Hilst, que tem firmada sua importância para esse universo feminista/feminino. Como foi esta articulação das produções artística com a obra de Hilda?

O projeto surgiu através de uma parceria que já estava sendo articulada entre o Ateliê Aberto e o Instituto Hilda Hilst, que tem sua sede na Casa do Sol, em Campinas, onde Hilda viveu. A parceria tem início com a vinda do Jurandy Valença de volta à Casa do Sol. “Poemas aos Homens do nosso tempo – Hilda Hilda em diálogo” foi uma escolha da curadoria do projeto – Ana Luisa Lima, Ateliê Aberto e Jurandy Valença –, entre poemas reunidos no livro *Júbilo, Memória e Nocivado da Paixão*, publicado em 1974, em plena ditadura, no qual Hilda utiliza vozes masculinas.

E como foi esta imersão de homens no universo da Hilda, olhando o resultado do projeto?

Imagina, cinco homens juntos em um mês de residência! Cinco homens fortes, que, na verdade, já tinham interesse pela obra da Hilda. Eles, Thiago Martins de Melo (MA), Divino Sobral (GO), Paulo Meira (PE), Nazareno (SP) e Adir Sodré (MT). No fim das contas, foi um dos projetos mais intensos em que já estive envolvida.

No II Plano Nacional de Políticas para Mulheres, consta que “Para que a gestão pública ultrapasse o alcance tradicional e restritivo das belas artes e dos produtos da indústria cultural, são exigidas diretrizes que garantam o pluralismo, uma maior igualdade de oportunidades e a valorização da diversidade.” Tu vês isso acontecendo na prática?

Tivemos um *boom* de possibilidades e de políticas públicas, editais de incentivo para essas práticas. Precitaria de dados para responder sua pergunta sem “achismos”. Qualquer colocação minha aqui, agora, seria uma visão subjetiva. Vivemos somente da aplicação em editais?

Que outros caminhos podem ser seguidos para dar continuidade a políticas de incentivo, não apenas na esfera governamental?

Eu acho que outro viés seria justamente esse entendimento e busca dos campos de atuações possíveis. Claro, viver só de edital é impossível. Essa é uma questão de sobrevivência e avanço que buscamos o tempo todo. Cada vez mais conexões coerentes e éticas entre o público e o privado, cada vez mais processos colaborativos, cada vez mais entendermos processos de estruturas de trabalho, de formação e do papel transformador da arte. Ser artista é trabalho. Ser gestor é trabalho. Ser autônomo, ter uma empresa, é isso. Exercício diário de táticas e de economia criativa. Possibilidades para a sua escolha. Senão, a gente optava por fazer um concurso público ou trabalhar em um lugar em que se bate cartão. Depois de 17 anos de existência e de atuação do Ateliê Aberto, recebemos esse ano o patrocínio da Petrobrás, para a programação do espaço, de março de 2014 a março de 2015. Uma das coisas que mais me deixou feliz com esse projeto patrocinado é gerar mais de dez empregos diretos por um ano.

Essa é a parte do trabalho bom, de muito trabalho.

Muito bom. Por agora, está tudo muito bom. Também tem isso: são 17 anos de batalha. Você vai errando e acertando, mudando a percepção sobre algumas coisas... E daí eu penso que, poxa, era o que todo espaço deveria ter: um apoio a espaços que sejam competentes e que tenham uma relevância para a cidade que seja. Espaços de resistência. E agora chegamos à possibilidade de ter isso, que significa não viver só desse projeto, mas realizar esse e continuar correndo atrás de outros. Ainda é difícil em muitas horas, mas, também, é uma escolha. Li um texto esses dias que questionava isso – se trabalhar com o que você ama é realmente a melhor escolha.

E tu achas que é?

É. Tem gente que não tem prazer em trabalhar e vai fazer o quê? Juntar dinheiro para tirar férias? Ter a maior parte do seu tempo fazendo o que não gosta? Contar as horas todos os dias? É um privilégio gostar de trabalhar. A vida fica mais possível.